

A Lili de Gœthe

Este gracioso vulto que apparece na estampa é uma das mimosas creações de Gœthe, reproduzida pelo feiticeiro lapis de Kaulbach [1]. Lili pertence á choréa deslumbrante de doces figuras, de walkyries fascinadoras, que a forte imaginação do grande poeta germanico evocou do mundo mysterioso em que fluctuavam para formar os elos floridos d'essa cadeia sublime, que principia na Margarida de *Fausto* e acaba na Mignon de *Wilhelm Meister*.

Poeta nenhum talvez soube, como Gœthe, apresentar um tal enxame de vultos femininos, todos suaves e todos diversos; na vasta collecção das suas obras apparecem, engastadas no seu estilo de oiro, estas miniaturas deliciosas. A Clara de *Egmont*, tão descuidosa

1 Os quadros d'este artista bavaro, apresentados na exposição universal, mereceram-lhe o titulo, conferido pelos proprios criticos francezes, de primeiro pintor de historia entre os contemporaneos.

e tão meiga; Margarida, a pomba palpitante; Mignon, o typo da mais sublime abnegação que se póde encerrar no espirito inculto, mas profundamente dedicado, de uma pobre rapariga desamparada; a *noiva de Corintho*, voluptuosa e sombria; e desenhos sem numero, que elle afaga um instante com o lapis namorado, que deixa ficar como simples esboços, mas que se gravam para sempre na memoria das gerações.

Entre esses esboços, tocados ao de leve nas suas poesias soltas, avulta o typo gracioso de Lili, que parece uma verdadeira incarnação da primavera. Irei eu descrevel-o? Não; por muito arrojada que seja a tentativa, prefiro dar aos leitores um reflexo, ainda que pallido, dos versos de Gœthe, a substituir á graciosa descripção do poeta a minha prosa humilde.

Não ha museu mais variado
(porém museu animado)
do que o da minha Lili.
Com as azas matizadas,
tendo as guias decepadas,
as pombinhas enrufadas,
os passarinhos esquivos,
pobres principes captivos,
tudo pula e folga alli.
Não sei que estranha magia,
não sei que estranho condão
põe aos pés d'esta criança
toda a plumosa nação.

Que barulho! que inferneira!
quando ella surge radiosa,
abrindo co'a mão mimosa
as portas da capoeira.
Erguendo a crista escarlate,
sae o gallo magestoso,
a gallinha segue o esposo,
vem atraz turba palreira
de pintainhos implumes
a namorar-lhe o açafate
que encerra o milho doirado!
Que de arrulhos! que de amores!
arvores, moitas e flores,
tudo parece animado.
'Té os peixes em cardumes,
saltando fóra do lago,
procuram o meigo afago
d'esse olhar encantador
que fascina os immortaes...
sem fallar nos animaes.

Começa a discordia então.
Este debica, outro engole;
este audaz conquistador
furta a comida; outro bole
na alva codea que ella traz
meio escondida na mão;
o gallo, o ganso arganaz,
o pato, o esbelto faisão,
a meiga rola saudosa,
acham-n'a mais saborosa
do que o nectar e a ambrosia
da celeste confraria.

E a sua voz! Quando brada:
«Pequenino, pequenino!»
'Té mesmo a aguia altanada,
que junto ao solio campeia
de Jove Capitolino,
correria ao seu chamado!
As pombas que a Cytheréa
tiram o carro doirado,
de Juno o altivo pavão,
viriam, juro, se ouvissem
d'essa voz de semi-déa
a doce modulação.

Quem traduziu a poesia de Gœthe, mil vezes melhor do que eu o poderia fazer, foi o lapis do desenhador. Como alli se sente bem o meigo idyllio que João Wolfgang devaneou! Que doce vulto de criança! Ri-lhe a primavera nos labios, no olhar, nas faces, e, como a primavera tambem, flores, borboletas, passaros, saúdam-n'a, enlaçam-n'a, beijam-n'a, esvoaçam-lhe em torno, como se a reconhecessem por irmã, como se soubessem que o bafo mundano ainda não apagou um só dos esplendores d'essa filha luminosa da natureza.

Quem ensinou a Gœthe o segredo, a nenhum outro poeta revelado, de pintar, debaixo de tão suaves e tão variados aspectos, o encanto nativo da mulher? Foi talvez o seu proprio egoismo. A paixão nunca turvou aquella alma de cristal, como o cristal transparente e fria, que todas as imagens espelhava e onde nenhuma conseguia gravar-se. Immovel na sua indifferença olympica, o Jupiter germanico assistiu, durante a vida, á sua propria apotheose. Teve o dom unico de inspirar aos homens uma idolatria incrivel, ás mulheres um louco enthusiasmo. De edade de sessenta annos, viu uma menina de dezoito, Carlota Brentano, depois casada com o poeta Achim de Arnim, consagrar-lhe a paixão mais delirante e mais viva! E elle, sempre risonho e sempre sereno, acolhia como homenagens que lhe eram devidas esses transportes que deveria repellir com paternal carinho. Tinha razão talvez debaixo do seu ponto de vista; quem se inflammava com o reflexo d'essas paixões abrazadoras que deixavam o poeta insensivel, era a arte, esse deus intimo que sempre conservou dentro d'elle, mau grado aos gelos do inverno, a sua juventude resplandecente e immortal.

Assim sobranceiro ás paixões da terra, mas aproveitando-as como a arvore aproveita os succos nutritivos do solo para enfolhar a copa, esse genio, sereno e sublime, conquistou a admiração estupefacta do mundo, porque, segundo a bella phrase de Henrique Heine, a sua ramaria se elevava tão magnificamente para o ceo, e a tal altura, que as estrellas não pareciam senão os doirados fructos d'essa arvore maravilhosa.

M. Pinheiro Chagas.

AS REPUTAÇÕES

(Esboço critico)

Entrámos um dia em certo café, com o intuito de nos demorarmos pouco tempo, quando uma discussão acalorada, que se ouvia a um lado, chamou a nossa attenção. Julgámos ao principio que fosse uma discussão vulgar, que terminasse com a intervenção da policia, e iamos acauteladamente retirar-nos quando nos obrigaram a ficar estas palavras que se proferiram em voz alta:

— É impossivel ter reputação melhor!

— Não é possivel ter peior reputação!

Tratava-se de um homem que possue um bem que falta ao auctor d'este artigo, de um homem de quem todos fallam, de um homem, em fim, que tem reputação.

— É um dos homens mais notaveis da epocha, dizia um homemsinho que, aproveitando um instante de serenidade, levantára a voz sobre os demais interlocutores para ser ouvido. Sim, senhores, é homem dotado de um bello talento, de nobre coração e espirito elevado; e é só para lastimar que lhe falte caracter. Olhem que esta opinião não é propriamente minha; se me dão licença, lerei um artigo em que se ella encontra: é parte de uma biographia que eu consulto sempre que desejo saber o que devo pensar de um homem conhecido que não conheço.

E o nosso homemsinho leu o artigo onde a opinião

que emittíra se achava reproduzida, mas com tanta exactidão que se podia inferir, *ad libitum*, ou que tinha escripto o artigo, ou que o tinha decorado.

— Penso o contrario do homem de quem falla o sr. F..., disse um segundo: falta-lhe talento, tem pouco espirito, mas possue um caracter elevado; e não sou eu só d'este parecer.

E leu um artigo inteiramente opposto ao que se acabára de ouvir, artigo extrahido de outra biographia, em que este leitor baseava o seu juizo critico.

— Pois é possivel encontrar-se caracter em tal homem? replicou vivamente um terceiro interlocutor. Haverá outro mais leviano, mais versatil? Hontem applaudia o vermelho, hoje segue o branco, ámanhã estará do lado do azul; e ás vezes tem ao almoço uma côr e ao jantar outra. É um iris. Aqui está um artigo que nol-o assegura.

— Isso não tem auctoridade, acudiu o quarto interlocutor. Não se póde affirmar que falte caracter a um homem porque conservou em o novo governo o emprego que lhe dera o governo transacto. As funcções publicas não mudaram de natureza. Serve ambos com egual fidelidade. E se elle incensar o que insultou e perseguir o que serviu, não lh'o levemos em mal. A necessidade obriga-o; as circunstancias instam-n'o. Nem por isso deixou de ser magistrado integro e incorruptivel.

A discussão não terminára, porém; muitos estranhos a ella haviam já tomado parte, ora dirigindo-se a um, ora a outro, e proferindo alguma palavra a respeito do paciente, cuja reputação fôra tratada como os cadaveres entregues ao escalpello dos estudantes da eschola de medicina.

Não sabiamos ainda o que se devia acreditar, nem como se conciliariam pareceres tão diversos, quando um homem de physionomia grave e animada, que se conservára silencioso, pediu licença para entrar na discussão, e dirigiu á assembléa o seguinte discurso, que serenou todos os animos:

— Todos tem muita razão, senhores, e a todos falta a justiça. O homem de quem fallam tem essa reputação, e por isso não se differença das muitas pessoas das quaes se não falla. E não se admirem. A reputação de que cercâmos um homem é tão sómente a expressão do nosso parecer; e não serão os pareceres tão diversos como os interesses? D'ahi vem as contradicções em que os senhores incorrem. No meio do desenfreamento das paixões, quem póde gabar-se de não ter detractores, e quem deve affligir-se por encontrar apologistas? Os homens publicos estão mais sujeitos que os demais homens a estas eternas fluctuações, a verem-se alternativamente exaltar e humilhar por contradictorios rumores. Quando se alcança reputação, alcança-se quasi sempre duplamente: é o effeito do ponto de vista d'onde cada um a considera, ou da côr do vidro através do qual a observa.

Tal general, cuja memoria se rehabilitou, não é um heroe para toda a nação; muitos ainda não o viram rehabilitado. O sr. de... é julgado de um modo na corte, a que pertence, e de outro modo na cidade, onde raras vezes apparece; as damas do paço formam ácerca d'elle um juizo, e as mães de familias outro muito diverso. Um delegado do procurador regio é o defensor da sociedade, mas os advogados, para salvarem os clientes, chamam-lhe accusador publico. Um auctor de grande merito não agrada a todos. Acaso dizem todos bem de Victor Hugo ou de Garrett? E o que estes julgam ou julgaram de si é muito differente da opinião alheia.

Cada um, pois, como disse, tem duas reputações: boa e má. A reputação que se nos fórma em volta não é sempre a que permanece quando saímos da scena ou quando deixâmos este mundo. As faltas leves que obscurecem as grandes acções, os pequenos serviços que encobrem as grandes faltas, desapparecem n'aquelle momento, que anniquila todas as illusões, e em que o homem, avaliado pelas suas obras, vê todas as reputações fundirem-se em uma só, boa ou má, definitivamente, conforme a somma do bem ou a somma do mal que lançou na balança onde tem que ser pesados os seus actos.

Esta reputação unica é importante: consome-se n'ella a vida inteira; e não é sem custo e difficuldade que se conquista para se não gozar.

Dizendo isto, o desconhecido saíu.

Esta conclusão, que achámos sensata, fez-nos reflectir. Visto que é tão difficil adquirir uma reputação, é muito melhor não a conquistar. Ha pessoas que se amofinam porque ninguem as conhece, nem tem meritos para se tornarem notaveis: consolemo-nos de ser ignorados. Que os poetas, os legisladores, os prégadores e os ministros corram atraz da fama, por causa das trombetas que hão de levantal-os mais, entende-se: o amor do ruido não está sempre n'elles de accordo com o amor proprio. Para não sairmos, portanto, da mediania, nem servirmos de assumpto para tantas contradicções, conservemo-nos ignorados e modestos.

O CARDEAL D. JAYME

Do consorcio do infante D. Pedro, duque de Coimbra, filho del-rei D. João I, com D. Isabel, filha do conde de Urgel, e neta de D. Pedro IV, rei de Aragão, foi quarto fructo D. Jayme, nascido no anno de 1434.

Tinha pouco mais de 14 annos quando rebentou em Portugal aquella fatal discordia, soprada por inveja e ambição do primeiro duque de Bragança, entre el-rei D. Affonso V e o infante D. Pedro, tio e sogro do monarcha, e que fôra regente do reino durante a sua menoridade.

O principe, amado do povo pela sabedoria e justiça com que governára o reino por espaço de dez annos, viu-se collocado pelos seus inimigos na cruel alternativa de procurar a morte dos valentes no campo de batalha, em guerra fratricida, ou sujeitar-se ao opprobrio dos condemnados perante juizes parciaes e vingativos.

O infante D. Pedro, querendo justificar-se só na presença del-rei das vis calumnias que levantaram contra a sua lealdade e probidade, e receiando-se, com justo motivo, de alguma traição dos seus adversarios, resolveu-se a sair de Coimbra, onde então residia, acompanhado dos seus amigos mais dedicados, e seguido de gente armada. D. Jayme, apesar de ser ainda uma criança, quiz por força ir participar dos perigos que ameaçavam seu pobre pae. E seguiu-o como filho extremoso, não como soldado.

D. Affonso V, a quem fizeram considerar aquelle procedimento do tio como um acto de rebellião declarada, poz-se á frente das suas tropas, e foi de Lisboa ao encontro do infante. Avistaram-se uns e outros em um sitio chamado Alfarrobeira, a pouca distancia da villa de Alverca.

Antes que o infante tivesse tempo de fazer chegar aos ouvidos de seu sobrinho propostas de conciliação, envoltas em protestos de innocencia, de respeito e submissão, algumas frechas e dardos, partidos do arraial de D. Affonso V, accenderam de improviso a lucta, sem que fosse possivel ao infante suspender o braço irado dos seus parciaes.

Foi curta a peleja, se bem que muito encarniçada, porque, apenas principiada, poz-lhe termo a morte do desditoso infante D. Pedro, ao qual uma frecha tirou instantaneamente a vida (20 de maio de 1449). No mesmo instante se viu D. Jayme orphão e prisioneiro.

Conduzido a Lisboa, obtiveram-lhe a liberdade as lagrimas e súpplicas de sua irmã, a rainha D. Isabel.

E logo depois esta soberana, não julgando bastante o seu valimento para o proteger contra a sanha dos inimigos de seu pae, enviou o joven principe a Flandres, para a companhia de sua tia, a infanta D. Isabel, mulher de Filippe III, o Bom, duque de Borgonha e conde de Flandres.

A duqueza D. Isabel, que sempre conservou terna affeição aos seus parentes, como tambem uma viva saudade d'este paiz, onde teve o berço, recebeu a D. Jayme com amor e carinho de mãe.

Depois de o ter junto de si por algum tempo, annuindo aos desejos do moço principe, que o impelliam para o estado ecclesiastico, deixou-o ir para Roma, mas fez que o precedessem e seguissem instantes recommendações suas e do duque seu esposo ao papa Nicolau V.

O pontifice foi prompto em mostrar a sua benevolencia para com D. Jayme. Achando-se vaga a sé de Lisboa pelo fallecimento do arcebispo D. Luiz Coutinho, o papa nomeou-o administrador perpetuo da diocese lisbonense, visto não permittir a sua pouca edade que cingisse a fronte com a mitra archiepiscopal. A bulla pontificia que concedeu aquella administração tinha a data de 1453.

Nomeou D. Jayme um vigario geral para governar em seu nome o arcebispado, e conservou-se em Roma, onde desfructava os rendimentos da sua diocese.

Elevado ao throno pontificio Calisto III, logo na primeira nomeação de cardeaes, que fez aos 18 de setembro de 1456, deu o barrete cardinalicio a D. Jayme, com o titulo de Santa Maria *in Porticu*, ao diante mudado no de Santo Eustachio.

Decorridos poucos mezes depois de elevado a esta dignidade, quiz dar testimunho o cardeal D. Jayme de que, apesar da queixa que magoava o seu coração filial, e que o obrigára a expatriar-se, não estava esquecido, nem perdêra o amor á terra natal. Solicitou, pois, e obteve de Calisto III, correndo o anno de 1457, a bulla da cruzada para este reino, enviando-a a el-rei D. Affonso V, seu primo, por D. Fr. Alvaro Paes, bispo de Silves, que a esse tempo se achava em Roma, e ao qual o papa fez seu legado, e D. Jayme seu commissario geral, ou governador do arcebispado de Lisboa. Aos proventos que recebia d'este beneficio accrescentou-lhe o summo pontifice as rendas da mitra de Arrás, em França, nomeando-o arcebispo d'esta diocese.

Afflictas e aterradas a curia romana e toda a christandade pela destruição do imperio do Oriente e tomada de Constantinopla por Mahomet II, no anno de 1454, resolvêra Calisto III persuadir a todos os principes christãos a necessidade de se unirem para moverem guerra aos turcos, oppondo assim uma forte barreira á ousadia e continuados triumphos de tão terrivel inimigo. Porém a morte do pontifice, succedida no anno seguinte de 1458, deixou em projectos a empreza meditada por Calisto III.

Portanto, apenas Pio II se sentou na cadeira de S. Pedro, tratou com o maior zelo e actividade de realisar o plano do seu antecessor. Para este effeito convocou um concilio na cidade de Mantua, nos estados da republica de Veneza, para onde partiu com o collegio dos cardeaes no principio do anno de 1459.

O cardeal D. Jayme, tendo saído de Roma um pouco mal de saude, enfermou gravemente ao chegar a Florença. Ficando por este motivo retido n'essa cidade, ao cabo de algum tempo de padecimentos, para os quaes a medicina não achou remedio, falleceu no dia 21 de abril de 1459, na edade florente de vinte e cinco annos e alguns mezes.

Foi D. Jayme o decimo portuguez que vestiu a purpura cardinalicia, mas o primeiro que se adornou com ella no verdor dos annos. O seu brazão d'armas era um escudo esquartelado, tendo no primeiro e quarto quarteis as quinas de Portugal, e no segundo e terceiro as barras de Aragão. E por empreza usava de um arminho com a letra — *Mali mori, quam fœdari*, que diz em vulgar — *Antes morrer que manchal-o*. Mote e emblema que bem quadravam á candidez da sua alma, á benevolencia da sua indole, á doçura do seu genio e á pureza dos seus costumes; virtudes que, juntas a outras, o fizeram amado e respeitado em toda a parte.

O seu corpo foi conduzido á egreja de S. Miniato, pertencente a um mosteiro de monges benedictinos, edificado no seculo XI sobre um monte, cujas faldas servem de recosto á cidade de Florença. Em uma capella d'esse templo, fundada pelo proprio D. Jayme, foram sepultados os seus restos mortaes [1]. Passado tempo fez-se a trasladação d'elles para um sumptuoso mausoléo construido na dita capella. As mesmas piedosas mãos que, movidas da saudade fraternal, enviaram de Flandres para a sé de Braga o magnifico tumulo de bronze em que repoisa o infante D. Affonso, filho primogenito del-rei D. João I, agora impellidas pela affeição ao sobrinho, erigiram junto á cidade dos Médicis o primoroso asylo de marmore, onde o illustre proscripto dorme o somno eterno.

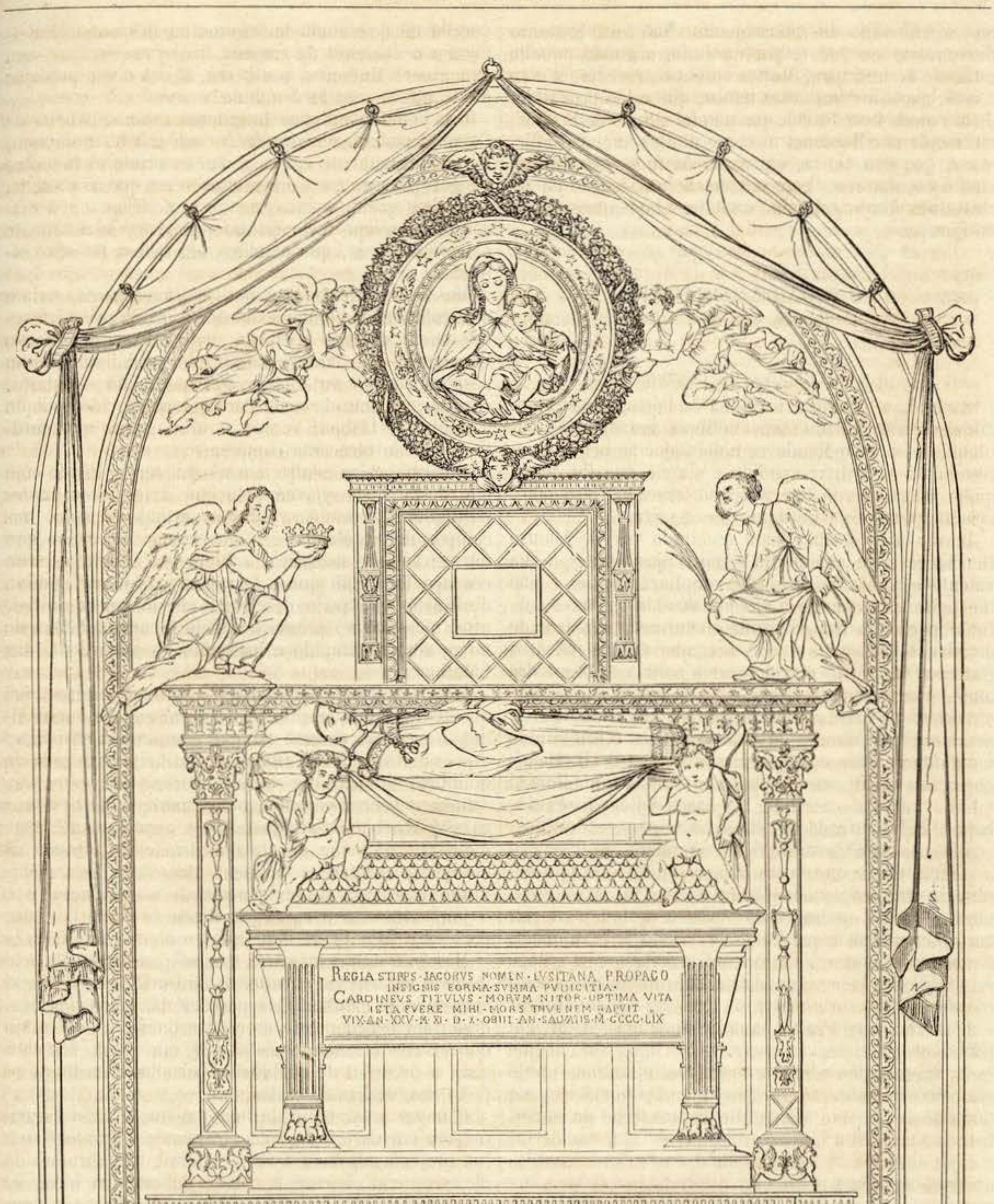
D. Isabel, duqueza de Borgonha, querendo que o mausoléo fosse digno da piedade e munificencia de quem o fundava, e das reaes cinzas que devia receber e guardar, encarregou da obra Antonio Rosselino, um dos mais eximios esculptores de que se honra a Italia. E o eminente artista, esforçando-se por corresponder aos desejos e altos espiritos da augusta princeza, produziu um dos mais primorosos monumentos de esculptura da arte toscana, d'essa arte que tanto floresceu e que a tão subido grau chegou de perfeição.

Antonio Rosselino não se limitou a construir um tumulo; tambem decorou com muita riqueza e singular gosto a capella que o devia conter. Substituiu as lageas do pavimento por lindos marmores de variadas côres, dispostos em graciosos desenhos. Na parede do fundo da capella levantou um altar, que adornou com admiraveis esculpturas em preciosos jaspes e alabastro. Vestiu a parede do lado esquerdo com marmores de côres variegadas, ora luzindo como espelhos, ora relevados em caprichosos lavores. E junto d'ella collocou uma cadeira da mesma materia, de gosto antigo, e de fórma e proporções esbeltas, significando a séde que o illustre prelado deixára vaga. Na parede do lado direito abriu um arco de volta redonda com delicada cercadura de miudos relevos, e debaixo d'elle collocou o soberbo mausoléo, de que a nossa gravura apenas mostra traçadas as linhas que lhe descrevem a fórma e os lavores.

Sobre um envasamento ornado de grinaldas e de genios, excellente imitação das formosas esculpturas da antiguidade, assentou o insigne artista o cofre sepulchral, á similhança da magnifica urna de porfido que, depois de ter attrahido por longos annos a admiração publica sob o portico do templo de Aggripa, foi transferida no seculo passado para a sumptuosa capella dos *Corsinis*, na egreja de S. João de Latrão, em Roma, a fim de encerrar os despojos mortaes do papa Clemente XII.

Em cima do referido cofre, que é sustentado por quatro pilastras, ergue-se o leito mortuario, com a estatua do principe cardeal estendida sobre um largo panno, suspendido nas extremidades por dois genios, que estão sentados na tampa convexa do cofre. Sobre o mesmo envasamento, aos lados do sepulchro, levantam-se duas pilastras, rematando em uma cornija, que sóbe um pouco acima e por detraz da es-

[1] Esta fundação não a achâmos mencionada pelos nossos escriptores que trataram de alguns actos da vida d'este principe. Tambem não dizem que antes da viagem em que adoeceu tivesse estado em Florença. Entretanto, aquella obra faz presumir que D. Jayme teria visitado anteriormente a capital da Toscana.



Mausoléo do cardeal D. Jayme de Portugal, na egreja de S. Miniato, junto a Florença

tatua de D. Jayme. Pilastras e cornija são cobertas de brincados relevos. Nos pontos extremos da cornija estão ajoelhados dois anjos, um tendo nas mãos a coroa de principe, que a D. Jayme cabia por nascimento; outro empunhando a palma, symbolo da castidade do virtuoso prelado. Entre os anjos vê-se um quadro como janella, e por cima d'elle um lindo medalhão, cercado por uma grinalda de flores e sustentado por dois anjos, do meio do qual resalta, com soberana magestade, a imagem da Virgem Maria com o Menino Jesus nos braços.

O epitaphio que está esculpido na caixa, e que a gravura deixa ler, diz que D. Jayme morreu aos vinte e cinco annos, onze mezes e dez dias da sua edade. Alguns dos nossos auctores dão-lhe pouco mais de vinte e cinco annos.

É riquissima toda aquella obra pela profusão das decorações. Mas o que a faz verdadeiramente admiravel é, sobre tudo, a correcção de desenho; a nobreza, graça e expressão das figuras; e, em fim, a delicadeza e perfeição das esculpturas.

O monumento é todo construido de finissimos mar-

mores, no estilo do renascimento. Não foi o primeiro monumento que se erigiu na Italia segundo aquelle estilo de architectura. Muitos outros o precederam com a anticipação de bastantes annos, que estão provando, de um modo irrecusavel, que não foi a tomada de Constantinopla por Mahomet II, como muitos auctores affirmam, que deu causa, em razão da fuga dos architectos e esculptores d'esta cidade, á introducção da architectura do renascimento na Italia e nos outros paizes da Europa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O WALI DE SANTAREM

(Vid. pag. 20)

III

NA ALCAÇOVA DE COIMBRA

É noite, e Coimbra, a rainha do Portugal nascente, dorme recostada nas suas collinas verdejantes, banhando os pés no Mondego, e deixando-se beijar amorosamente pelo luar candido e sereno que lhe branqueia as ameias da sua cathedral torreada, verdadeiro symbolo da egreja militante d'essas eras.

Dorme a formosa cidade escolhida por D. Affonso Henriques para capital do reino, cujos limites a sua valente espada não cessa de ampliar; dorme, e não lhe perturba o somno o galopar dos almogavares partindo para as suas correrias nocturnas, nem tem de acordar sobresaltada vendo accender-se nos pincaros distantes dos serros meridionaes a pallida chamma das almenaras moiriscas.

Porque D. Affonso Henriques, o lidador infatigavel, pendurou das paredes da alcova nupcial o seu temido montante, e parece esquecer nos braços de D. Mafalda, a sua gentil noiva italiana, a missão que elle a si mesmo impoz de assentar em bases solidas na Peninsula a nacionalidade que lhe confiou os seus destinos.

Mas não será permittido um momento de descanço a quem, desde que vestiu armas, quasi que não conheceu outros folguedos que não fossem as sangrentas pelejas? a quem raras vezes levantou a viseira para limpar o suor que lhe escorria na fronte, a quem, á testa dos seus cavalleiros, só atravessava a galope as ruas das cidades, quando partia, ora contra os moiros de Belatha, ora contra os leonezes d'além-Minho?

E depois, quem sabia os projectos que se revolviam na mente do intrepido guerreiro? O tigre não encolhe os membros, não recurva as garras, não arma o pulo em silencio antes de se arrojar ao inimigo? Quando no primeiro impeto Affonso Henriques tinha de encontrar diante de si a linha fortificada do Tejo, Santarem, a bem situada, Lisboa, a rainha do Oceano, guardada, como rainha, pelos muros torreados e pelos adarves das fortalezas, não devia meditar um pouco antes de ir bater com o ferro da lança nos portaes d'essas tão cobiçadas cidades?

Quantas vezes não se teria elle visto em sonhos escalando os muros de Santarem, ou pondo em fim á cinta com as chaves de Lisboa as chaves do seu reino, aberto até ahi ás incursões dos sarracenos? Então talvez a sua joven esposa, acordando sobresaltada e debruçando sobre elle a fronte loira, ouviria com pasmo sairem dos labios do guerreiro adormecido, no sonho bellicoso, os gritos ferozes do combate; então Mafalda empallideceria, como se sentisse de subito ao seu lado o rugido do leão, mas na seguinte manhã, quando aos clarões da alvorada fugiam os sonhos tumultuosos, filhos da noite, Affonso Henriques acordava com um sorriso, e a rainha de Portugal via outra vez a seus pés o seu namorado cavalleiro.

Por isso os honrados burguezes de Coimbra meneavam as orelhas melancolicamente, e diziam em quanto iam limpando ao jantar a sua escudella cheia de dobrada: «Adeus! adeus! Affonso Henriques já se esqueceu de que ainda ha moiros na Hespanha! Enfeitiçou-o o demonio da romana, saboyana ou que vem ella a ser! Mulheres, mulheres, sois a nossa perdição desde que o mundo é mundo!»

Ora como os dignos burguezes e homens-bons de Coimbra podiam ser *almotacés* e *alvasis* no municipio, mas habitualmente em casa não exerciam as funcções da governança, succedia muitas vezes que as orelhas, que elles assim meneavam ao proferirem o seu discurso, cresciam meio palmo puxadas violentamente pelas suas Evas, que acudiam em defesa do sexo offendido.

Mas os cavalleiros e homens d'armas, esses sorriam e encolhiam os hombros dizendo: «Ai do primeiro sobre quem desabar a espada, hoje ociosa, de Affonso Henriques! Não tardará muito que o adail nos venha despertar antes do romper d'alva dizendo: — Alerta, cavalleiros, que el-rei de Portugal já corre á desfilada caminho de Lisboa! Vamos arvorar a cruz nas muralhas onde o crescente campeia.»

É porque esses conheciam-n'o por terem lidado com elle desde que o joven principe, á testa dos barões portuguezes, reclamára com as armas na mão, nos campos de S. Mamede, a governança do reino que um estrangeiro usurpára; sabiam que aquelle espirito era aço fino com que a ferrugem não entra, lamina de Toledo que póde descançar por instantes na bainha, mas que ao primeiro ensejo favoravel brilha de novo, sempre limpido e fuzilante, ao sol ardente das batalhas.

E os sarracenos partilhavam a mesma opinião, porque temiam despertar o leão adormecido; os seus almogavares não vinham talar os campos dos christãos; e o castello de Santa Olaia, a sentinella avançada de Coimbra, silencioso e sombrio no seio da noite, não soltava o grito de alarma, nem guarnecia de besteiros as suas barbacãs, annunciando a apparição de hoste moirisca; não que as atalayas ismaelitas, immoveis tambem nas guaritas dos seus alcaçares, diziam baixinho entre si: «Quando veremos nós inflammar-se o horisonte com a apparição d'esse meteoro devastador, esse flagello de Deus que se chama Ibn-Errik?»

Mas entretanto na corte não se pensava senão em festas e saraus; os cavalleiros de Ourique e Valdevez, encostado o montante ás paredes das salas d'armas, desferiam brandamente as cordas da viola dos trovadores e rendiam finezas ás damas, em quanto não chegava a occasião de quebrarem por ellas uma lança no peito dos villãos descridos.

É noite, pois, noite de luar ameno; a brisa da primavera enruga ao de leve as aguas do Mondego, e a lua projecta no chão a vasta sombra das muralhas da alcaçova real. Dorme a cidade já, mas em torno do palacio tudo é borborinho e agitação; é porque lá dentro ha n'essa noite sarau, como o demonstram os jorros de luz intensa que, insinuando-se através das flores e arabescos das janellas moiriscas, desenham na parede, branqueada pelo clarão mais brando da lua, umas ogivas de fogo. Nas salas tumultuam as danças e ouve-se o som estridulo das musicas; cá fóra os cavallariços, que tem á mão os cavallos dos ricos-homens e as mulas dos prelados, trocam entre si ditos e risadas, com que se vão tambem entretendo, em quanto os seus senhores se desfazem em galanterias cortezãs, ou riem a bandeiras despregadas com os arremedilhos dos truões.

Apesar de não pertencermos a nenhuma das duas classes privilegiadas, nobreza e clero, entremos nós, usando do privilegio dos romancistas, na sala d'onde seriamos, se nos vissem, infallivelmente excluidos na nossa qualidade de *villãos;* entremos, e, escondendo-nos por traz de uma d'estas columnas esguias que sustentam o tecto artezoado, espreitemos o aspecto geral do sarau.

A quem conhecesse os esplendores dos palacios arabes devia parecer bem mesquinha a ornamentação da sala onde a corte de Affonso Henriques se entregava ao prazer da dança e da musica; não era possivel deixar de se confessar que a rude civilisação neo-gothica ficava ainda muito áquem da civilisação requintada e luxuosa dos netos de Agar. Os soldados da cruz podia-se dizer que estavam para os arabes como os seus barbaros antepassados das tribus germanicas para os romanos que venceram; mas talvez tambem por isso mesmo a sua energia indomavel superasse n'esta lucta de seculos a raça policiada que possuia o imperio do Andaluz. A civilisação, quando se manifesta apenas pelas pompas e maravilhas do desenvolvimento material, tem por companheira inseparavel a corrupção, e as raças rudes, mas virgens, hão de sempre triumphar das nações que escondem debaixo do lustre exterior da opulencia o germen fatal de uma velhice prematura.

Debalde procurariamos, pois, nas salas da alcaçova de Coimbra os pavimentos, as paredes e as columnas de preciosos marmores, os tectos pintados de oiro e azul com perolas suspensas, as fontes de jaspe com cysnes de oiro no centro, que opulentavam o palacio de Azzahrat, fundado pelo poderoso kalifa Abd-er-Rahman; debalde relancearíamos os olhos para os cantos do aposento em busca das cassoletas de prata onde rescendessem perfumes arabicos; nem tapetes persianos alli veriamos, nem cortinas de damasco, nem os nossos ouvidos seriam deliciados pelo som melodioso dos alaudes de oiro e pelas vozes suavissimas de cantores gregos; mas, em compensação, tinham essas reuniões o encanto supremo que faltava aos festejos dos mahometanos, a doce convivencia com as donzellas gentis, cujos meigos olhares derramavam luz mais suave para os cavalleiros que as requestavam, do que a que podia emanar dos milhares de lampadas de oiro da mesquita de Kordova.

Em almaxadrequas enfileiradas ao longo das paredes se sentavam as donzellas encantadoras da corte de D. Affonso Henriques, ouvindo as trovas que, á moda provençal, os seus enamorados lhes descantavam a meia voz. No topo da sala, n'uma cadeira de espaldar situada em cima de um estrado, sentava-se a joven rainha D. Mafalda, cujos olhos seguiam, com uma expressão amorosa e inquieta, o vulto agigantado de seu esposo, que, junto de uma janella, conversava com alguns dos seus cavalleiros. A luz intensa produzida por numerosos lampadarios pendentes do tecto illuminava alegremente o grupo folgazão das damas risonhas e dos cavalleiros descuidosos; de quando em quando uma torrente de melodias vinha fazel-os estremecer e convidal-os a revolutearem no turbilhão das danças. Eram as harpas, as citulas, as doçainas, combinadas com instrumentos mais bellicosos, como as charamellas, trombetas e tympanos, que aconselhavam aos guerreiros cortezãos de D. Affonso Henriques o esquecerem por instantes a sua vida austera de combates no louco e inebriante prazer das rodopiantes folias e dos amorosos enlevos.

Affonso Henriques, como dissemos, apartado da turba doidejante, conversava com alguns dos seus cavalleiros. Distinguia-se entre elles pela sua alta estatura; estava no vigor da edade, na flor da vida, em plenos trinta e quatro annos, e a sua organisação, que a extrema velhice e os desgostos que a acompanharam não poderam abater, ostentava-se então em toda a sua maravilhosa robustez.

N'essa noite, porém, estava elle, segundo parecia, inquieto e preoccupado. A miude voltava os olhos para a porta, como se esperasse alguem. Esta preoccupação, comtudo, passára despercebida no meio dos folguedos geraes; só não escapára aos olhos perspicazes de D. Mafalda. Com o seu doce instincto de esposa estremecida, adivinhára que a inquietação de seu marido se prendia com os seus projectos guerreiros, e que os sonhos que tanto a assustavam não tardariam a transformar-se n'uma realidade mais afflictiva ainda.

Os cavalleiros com quem então conversava eram dos mais notaveis entre essa épica phalange que tomou parte com elle nas sangrentas luctas que fundaram a nossa nacionalidade; os seus nomes, os seus gloriosos appellidos, vibram, quando os pronunciâmos, sons de guerra e de victoria, como os escudos onde bate o ferro das lanças; Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, Lourenço Viegas, o Espadeiro! Junto d'estes dois vultos todos os outros desmaiam, e chegam a parecer pequenos mesmo os gigantes d'então.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 23)

V

Expozemos aos nossos leitores, em abbreviada noticia, as funcções mais esplendentes e custosas ordenadas por el-rei D. João v nos primeiros treze annos do seu reinado. Por esse quadro, apesar de ser um simples esboço, mal contornado, de côres pallidas e com frouxa luz, póde ajuizar-se, todavia, do luxo e magnificencia da corte de D. João v, bem como do seu animo ostentoso e gastador. Porém a solemnidade de que vamos tratar sobresaiu muito em apparato e grandeza, e nas immensas sommas que custou ao estado, a todas as funcções reaes que este paiz tem presenciado antes e depois d'ella.

Eram passados dez annos depois que esta capital assistíra maravilhada á memoravel festa de *Corpus Christi*, de que fallámos no capitulo antecedente. No decurso d'este periodo tal desenvolvimento teve a lavra das minas auriferas e diamantinas do Brasil, que as frotas que largavam de lá todos os annos para o reino, não obstante constarem de muitas dezenas de navios, vinham sempre pejadas de oiro e pedras preciosas [1].

Pelo excesso das despezas de mero luxo a que el-rei se entregou, em tempos em que o estado da fazenda publica era mais precario que prospero, imagine-se o que este monarcha faria, vendo os seus cofres a trasbordarem riquezas, que hoje, contadas, hão de parecer não realidade, mas sim obra da phantasia do auctor das *Mil e uma noites*.

Entretido e distrahido na adolescencia por algumas damas francezas, que vieram de Paris no sequito da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, el-rei D. João v foi embalado ao som de cantigas, em que a poesia parisiense debuchára com vivo colorido os festins e amores da corte voluptuosa de Luiz xiv. E quando o uso da razão lhe foi dando conhecimento do sentido das palavras, não havia historias que mais captivassem a attenção do joven principe, e em que mais se enlevasse o seu espirito, que nos contos em que a velha Catharina de Vergé, e sua formosa filha, D. Anna Armanda de Vergé [2], lhe descreviam e exaltavam as grandezas e esplendores da corte franceza, e a munificencia e galhardia do soberano que, nos assomos da sua vaidade, se comparára ao sol.

[1] Em 1719 foram descobertas as minas de oiro de Quiabá e de Goyazes. Pouco depois descobríra-se a mina de diamantes e de oiro de Serro Frio.

[2] D. Anna Armanda de Vergé veiu para Lisboa de tenros annos, casou n'esta cidade, e depois de enviuvar teve del-rei D. Pedro II um filho, que se chamou D. Miguel, ao qual el-rei D. João v, seu irmão, reconheceu, e casou com D. Luiza Casimira de Sousa, condessa de Miranda, marqueza de Arronches, e por occasião d'este enlace creada duqueza de Lafões.

D'est'arte fizeram brotar no coração do principe o desejo de imitar, quando empunhasse o sceptro, aquelle grande rei, cuja coroa fulgurante o deslumbrava, e cuja vangloria o ensinaram a invejar.

Portanto, quando D. João V se viu tão opulento com os immensos tributos das minas do Brasil, pensou em conseguir uma victoria para o seu amor proprio, humilhando com a ostentação da sua opulencia e grandeza o neto de Luiz XIV, que então se sentava no throno de Hespanha. O consorcio de duas infantas, filhas dos dois monarchas da Peninsula, com os principes herdeiros das respectivas coroas, serviram de pretexto para, na occasião da troca das princezas, se avistarem e conferenciarem as familias reaes de Portugal e de Hespanha.

Tantas vezes temos alludido a essa fastosa solemnidade nas paginas d'este semanario, promettendo sempre referir com miudeza, na primeira opportunidade que se nos apresentasse, as pompas que então alardeou a nossa côrte, que nos julgâmos agora obrigados ao cumprimento d'essa promessa, embora por sua causa ultrapassemos os limites que haviamos traçado ao principiar este trabalho.

VI

Ajustado o duplo consorcio do principe do Brasil, D. José, com a infanta de Hespanha, D. Marianna Victoria de Bourbon, e do principe das Asturias, D. Fernando, com a infanta de Portugal, D. Maria Barbara, celebraram-se os esponsaes em Lisboa e Madrid nos primeiros dias de janeiro de 1728. Desde logo ordenou el-rei D. João V que se désse começo aos preparativos para os festejos das nupcias de seus filhos, e para a conducção da côrte á cidade de Elvas, e d'alli ao rio Caia, na fronteira do reino, onde devia effeituar-se o encontro e visita das familias reaes de Portugal e Hespanha, e a troca das princezas.

Mandaram-se fazer em Paris quatro coches ricos, dos denominados estufas, forrados de veludo carmesim bordado de oiro; duas caleças e vinte e tres berlindas; trinta sellas de veludo, de varias côres, bordadas de oiro e prata, com todos os seus arreios, tendo uns ferragens doiradas e outros de prata; trinta telizes ricos de veludo carmesim, bordados de oiro e prata, dezoito com as armas del-rei e doze com as armas do principe; seis telizes de panno encarnado, bordados de oiro e prata; duzentos e trinta reposteiros de panno encarnado, bordados de lã, com as armas reaes; e vinte e quatro coberturas para galeras, umas de panno e outras de oleado, com os brazões d'armas del-rei, da rainha, do principe e princeza.

Em Lisboa mandaram-se fabricar os seguintes objectos: um coche rico para a pessoa del-rei, forrado de tissú de oiro; nove coches estufas, doirados por fóra, e forrados interiormente de veludo carmesim, bordado, ou agaloado e franjado de oiro, para servirem de coches de respeito aos soberanos, principes e infantes; vinte e dois coches estufas, forrados no interior de veludo carmesim, uns com guarnições de oiro e outros de retroz, destinados ao serviço das camareiras-móres, damas, açafatas e officiaes-móres; seis seges ricas, forradas de veludo carmesim, com guarnições de oiro e de retroz; cento e vinte e seis seges forradas de seda encarnada; doze carros matos cobertos; sete galeras; novecentas e oitenta e sete sellas, mais ou menos ricas, para os cavallos em que haviam de ir os porteiros da canna, reis d'armas, arautos e passavantes, officiaes-menores, muita diversidade de criados, etc. Além d'isto, uma infinidade de muitos outros objectos, que seria fastidioso mencionar; uma grande quantidade de fardamentos e librés ricas para os alabardeiros e archeiros das guardas reaes, e para a criadagem, etc. E deve-se notar que possuia a casa real, a esse tempo, grande cópia de todos os objectos de que fazia agora nova encommenda.

Para o serviço dos coches mandaram-se comprar á Hungria, á Hollanda e Inglaterra avultado numero de urcos, e outros bellos cavallos de differentes raças. Para as seges, galeras e carros de transporte encommendaram-se em Hespanha muitas parelhas de muares. E por todo o nosso paiz, não obstante o excellente gado fornecido pelas caudelarias reaes, fizeram-se muitas compras de soberbos cavallos para sella.

Ao mesmo tempo que se punham em execução todas estas ordens, era encarregado o architecto Custodio Vieira de delinear a traça de um palacio, que se devia erigir no sitio das Vendas Novas, entre as villas de Aldeia Gallega e de Montemór-o-Novo, a 40 kilometros da primeira, com a capacidade necessaria para n'elle pernoitarem, commoda e condignamente, a familia real e toda a sua numerosa comitiva, na ida e na volta da fronteira.

Principiaram os trabalhos em março d'esse anno, de 1728, pela demolição de uma casa que alli havia chamada a *estalagem del-rei*. N'esse logar, até então quasi deserto, via-se no mez seguinte, trabalhando com a maior actividade, mais de 400 pedreiros, canteiros e carpinteiros; 500 serventes; 400 soldados de infanteria empregados como trabalhadores; 30 soldados de cavallaria encarregados da policia e da expedição das ordens; 200 bestas de carga; 500 carros e carretas, e muitos outros vehiculos de fórma diversa e com differentes nomes para o transporte dos materiaes. Pouco depois foi accrescentado o numero dos operarios com algumas centenas de ferreiros, serralheiros, vidraceiros, pintores, marceneiros, entalhadores, etc. E posta a trabalhar toda esta gente dia e noite, consumindo-se nos serões mais de dez mil archotes, conseguiu-se acabar a obra no curto espaço de nove mezes.

É o palacio das Vendas Novas um edificio mui grande. Tanto no exterior como no interior, a sua architectura é singela e despida de ornamentações. Todavia, por occasião da viagem da familia real ostentava internamente muita riqueza e magnificencia, porque a todas as salas e camaras se vestiram as paredes e cobriram os pavimentos com ricos brocados, damascos, sedas, pannos de Arrás e alcatifas, guarnecendo-se todos os aposentos com moveis e adereços que não desdiziam da sumptuosidade das tapeçarias.

Dispendeu-se n'este palacio e suas officinas, bem como em uma casa pequena, que se construiu no sitio dos Pegões, a 25 kilometros de Aldeia Gallega, para as pessoas reaes ahi tomarem alguma refeição, dispendeu-se, dizemos, cêrca de 400:000$000 réis.

Esta avultada quantia, gasta na construcção de um palacio pobrissimo das galas da architectura, da esculptura e da pintura, revela, até certo ponto, aos que não conhecem o edificio, as proporções d'elle. Porém o que dá mais ajustada medida da sua grandeza é o numero de pessoas e cavalgaduras que compunham a real comitiva, e que n'elle se alojaram com a commodidade e largueza proprias não da residencia de duas noites, mas de uma habitação permanente. Portanto, cremos poder affirmar que nenhum outro monarcha da Europa erigiu um edificio tão grande e custoso para um serviço tão passageiro.

Concluidos, pois, todos os preparativos em dezembro de 1728, e feito o accordo entre as duas côrtes de Portugal e de Hespanha sobre o programma da viagem, a fim de que chegassem no mesmo dia, a portugueza á cidade de Elvas, e a hespanhola á cidade de Badajoz, foi destinado o dia 8 de janeiro do anno seguinte para a partida del-rei D. João V dos seus paços de Lisboa.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.